

PALHEIRO MADEIRENSE

Daniel Bravo da Mata ()*

No decorrer da minha acção profissional na Madeira, apercebi-me que o maneio e a forma de estabulação dos bovinos, provocam desconforto ou estão mesmo na origem de várias patologias.

A produção pecuária está em íntima relação com o bem-estar animal. Quanto melhores forem as condições em que o animal é mantido, melhor é a sua produção.

Este problema não é recente, já em 1947, *“a Lei dos Melhoramentos Agrícolas feita conhecer e aplicar pelo Eng. Jaime Azevedo Pereira, proporcionou aos lavradores melhorar e aperfeiçoar os estábulos”* (in *“Ilhas de Zargo”* de Eduardo C. N. Pereira).

Um inquérito efectuado pela Junta dos Lacticínios, em 1948, revelou a existência de 19 tipos diferentes de palheiros cada um mais deficiente e nocivo para o animal que o outro. Esta Junta levava a cabo várias acções de informação aos produtores visando melhorar a higiene na ordenha, cuidados com a gestação das vacas, alimentação, maneio das camas do gado, etc. O Médico Veterinário Dr. Bacili Alcino Dionísio realizou vários trabalhos na imprensa escrita e na rádio acerca destes temas.

Os tradicionais palheiros, pouco evoluíram desde os primórdios da colonização da ilha pelo Homem, pois ainda não foi possível melhorá-los. Urge, na minha opinião estudar esta situação, com o duplo objectivo de melhorar as condições de bem-estar e de preservar o seu valor cultural e paisagístico.

Caracterização

“A pastagem é o regime tradicional no norte da ilha, principalmente na Ponta do Pargo e Porto Moniz, não só pela fertilidade dos pastos naturais como pela índole dos seus povoadores, em geral vaqueiros e pastores, os que ali se estabeleceram no princípio da colonização. No

sul, predomina a estabulação, observando-se, em povoações do leste e oeste, o regime misto para os bovinos” (in “Ilhas de Zargo” de Eduardo C. N. Pereira).

“O Governador do Funchal, João António de Sá Pereira, procurou regulamentar a pastagem sobre o modo, tempo e sítios que, alternadamente, deviam ser ocupados de gados nas freguesias dentro o norte e o sul, debaixo de rigorosa assistência de pastores” (in “Breve e verdadeira demonstração do governo” de J. A. de Sá Pereira). “Mas debelada a crise de manutenção pública com rezes suficientes, logo se obliterou essa regulamentação, adquirindo liberdade de pascigo os vaqueiros e pastores. Passou-se ao regime de estabulação que sofreu sempre de defeitos e erros inveterados, por rotina de processos primitivos e rudimentares” (in “Ilhas de Zargo” de Eduardo C. N. Pereira).

Os bovinos encontram-se estabulados em palheiros “hermeticamente” fechados, escuros e acanhados (2 metros x 2,5 metros a 2,5 metros x 4 metros) (ver fig. 1). São construídos de pedra



Figura 1 – Palheiro com cobertura de Zinco



Figura 2 – Animal com espaço limitado

solta, indefesos a todas as intempéries, demasiadamente quentes ou frios, conforme a estação. A cobertura é feita de colmo, folha de zinco (ver fig. 2), de cimento ou simples telha

As manjedouras têm um ou dois degraus para levantarem o animal à altura da forragem, quando a cama de mato é retirada debaixo do bovino. Estes estão na origem de traumatismos articulares e prolapsos uterinos (ver fig. 3).



Figura 3 – Vista do interior do palheiro

Não existe nenhum sistema de abeberamento do animal. Este é feito pelo produtor uma a duas vezes ao dia com baldes de água.



Figura 4 – Monte de Estrume

O estrume amontoado perto do palheiro é lavado pelas chuvas e seco pelo sol perdendo assim grande parte do seu valor fertilizante (ver fig. 4)

O chorume é perdido pois não existe nenhuma estrutura para o conter. Este é um elemento valioso pois é rico em azoto e potássio e é essencial na “curtimento” do estrume (ver fig. 5)



Figura 6 – Divisória

Manipular o animal, torna-se uma tarefa difícil, pois não existe nenhuma estrutura de contenção. Em alguns casos encontram-se palheiros com uma divisória que serve para sujeitar o bovino (ver fig. 6).

O tecto, de madeira frágil, impossibilita montar um sistema que eleve o animal em caso de Síndrome da Vaca Caída (hipocalcémia, fracturas, traumatismos, etc), pois não suporta o peso do bovino (ver fig. 7).



Figura 7 – Tecto de madeira

Projecto de um novo Palheiro

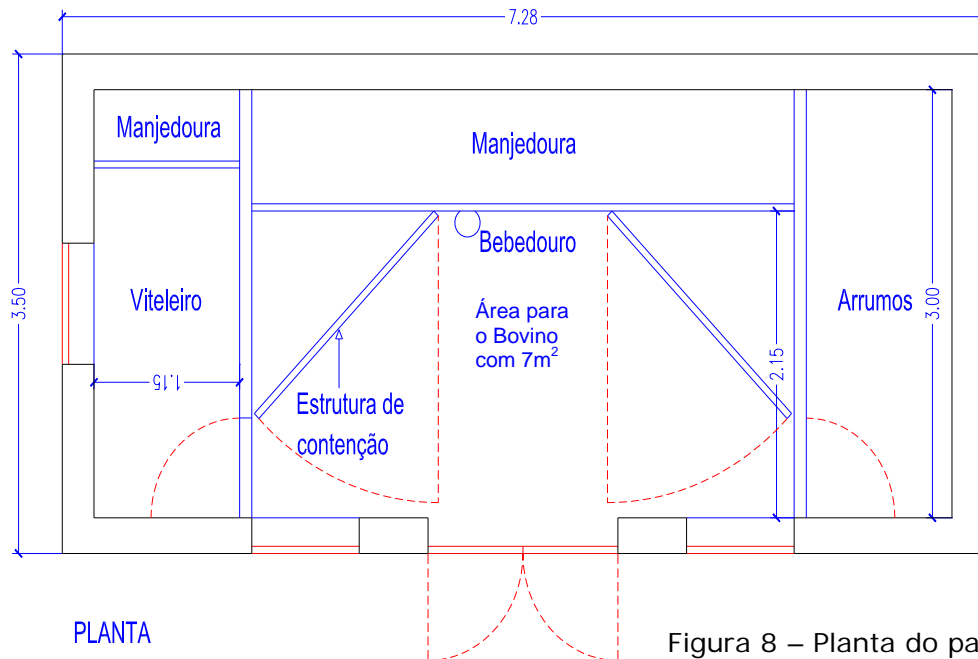


Figura 8 – Planta do palheiro

Este projecto prevê apenas espaço para um animal, no entanto, podemos projectar palheiros maiores. Assim, na zona central idealizou-se uma área destinada ao bovino com 7m² (baseado no manual de bem-estar animal da RSPCA). Esta é delimitada por duas estruturas de contenção, em ferro ou madeira, que são colocadas no centro do palheiro quando é necessário manipular o animal para tratamentos, partos, identificação, etc.

Nas extremidades, estão previstas duas divisões, à esquerda um viteiro e à direita um quarto para arrumações (ração, alfaias, cordas, etc).

Está também prevista a montagem de um bebedouro em “concha” ligado a um depósito de água, localizado no primeiro piso. Pretendo com isto que os animais tenham acesso *ad libitum* à água.

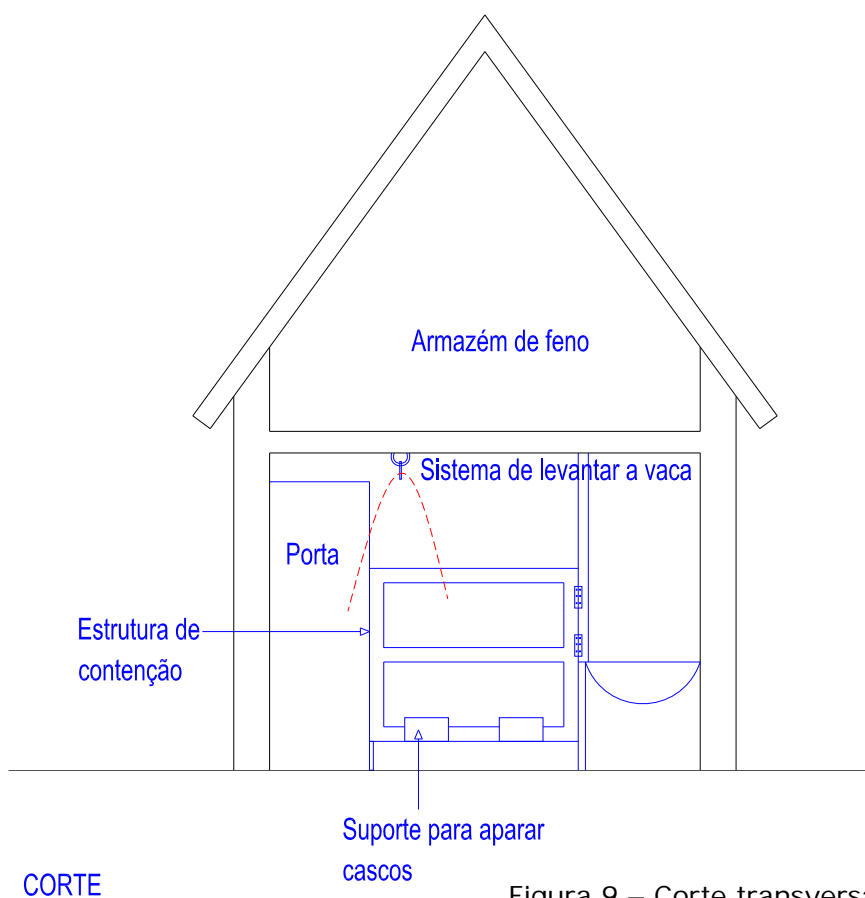


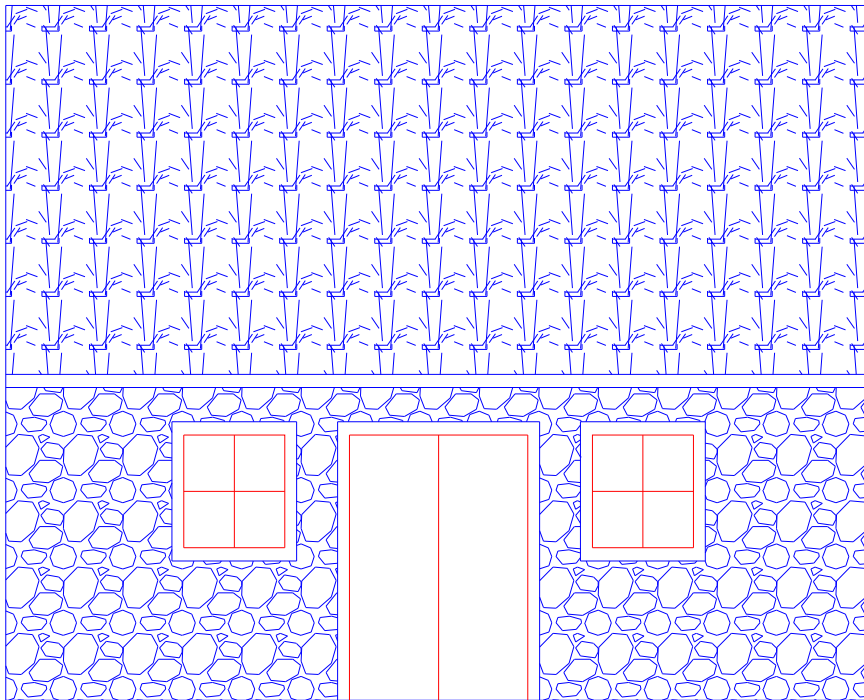
Figura 9 – Corte transversal

Neste corte transversal (fig. 9) apercebemo-nos melhor da estrutura de contenção. Esta poderá conter dois suportes para aparar cascos.

No tecto será colocado um gancho, numa trave mestra. Este irá servir para instalar um sistema de roldanas, que permita erguer a vaca em caso de necessidade.

O resto do tecto será como o dos palheiros antigos, ou seja, com tábuas de madeira. Entre estas devem ficar espaços que permitam que o ar suba para o primeiro piso, ventilando a estrutura.

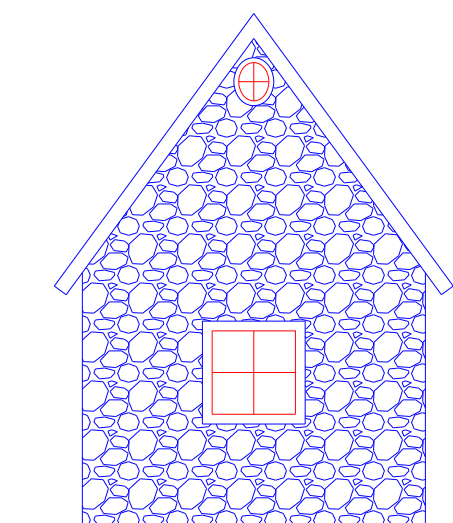
A proposta de remodelação do “Palheiro Madeirense” pretende manter o exterior do edifício revestido a pedra (ver fig. 10).



ALÇADO

Figura 10 – Vista do palheiro

O telhado de zinco é abandonado em favor da utilização de telha ou de palha, como era comum nos antigos palheiros. A porta foi alargada, para 1,5 metros, daí serem necessárias duas meias portas. Pretende-se desta forma, evitar a dificuldade em retirar animais do interior do palheiro, por não caberem na porta. Introduziram-se duas janelas nas quais serão colocadas redes mosquiteiras, que impeçam a entrada de insectos e que permitam a ventilação.



ALÇADO Figura 11 – Vista Lateral

Na figura 11, é visível a janela da divisão destinada ao viteleiro. Repare-se no topo do palheiro, uma pequena saída de ar, que visa expelir o ar quente produzido no interior.

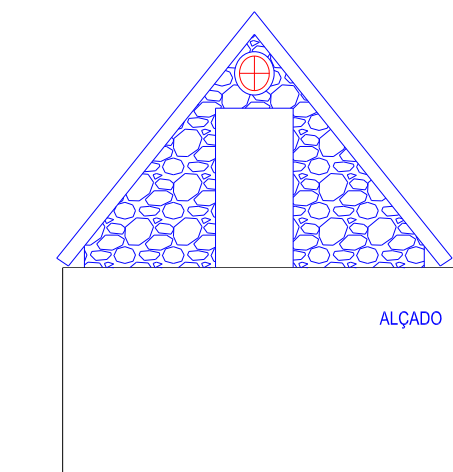


Figura 12 – Vista lateral

Na figura 12 visualizamos o outro lado do palheiro, localizado no desnível do terreno. Se este não existir será colocada uma escada para aceder ao armazém de feno, no primeiro piso.

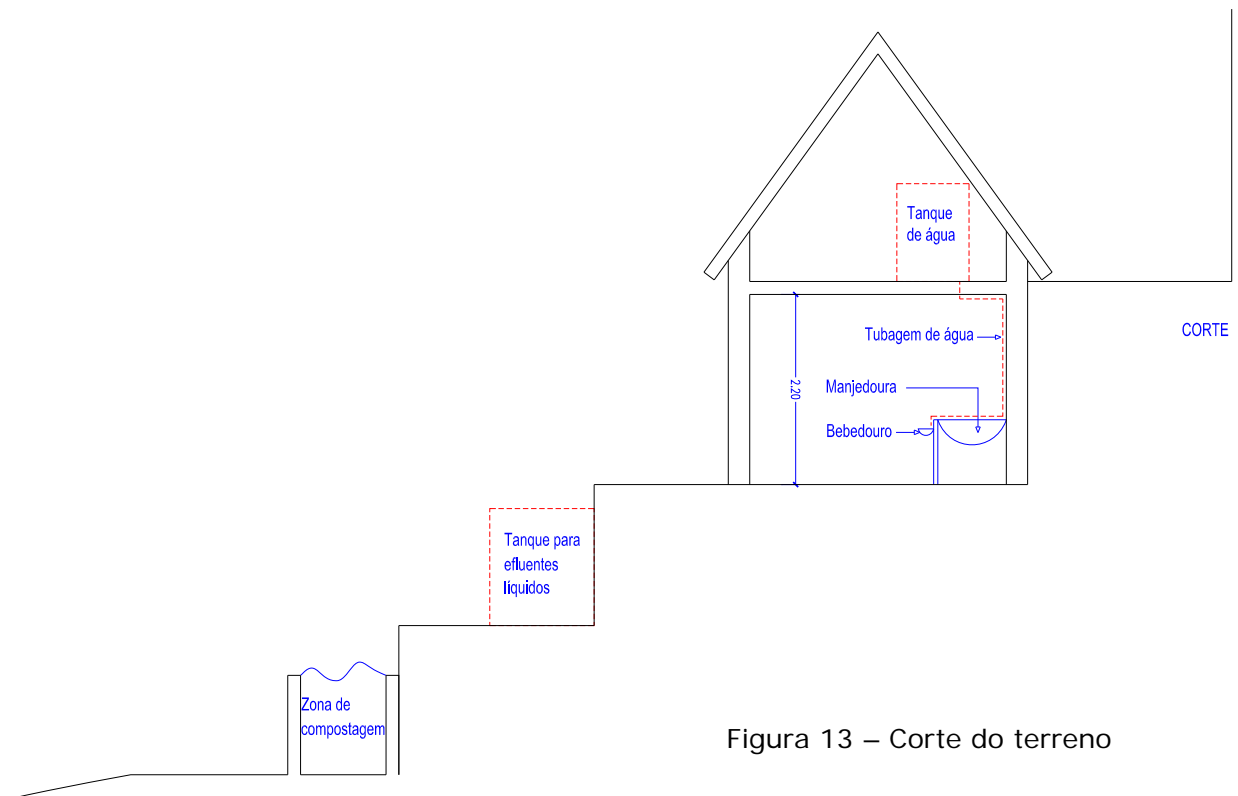


Figura 13 – Corte do terreno

Nesta vista (fig. 13) propõe-se uma nova organização do tratamento dos efluentes.

Num patamar, logo abaixo do palheiro, colocar-se-á um tanque de fibra com 1000 L de capacidade. Este servirá para armazenar o chorume. Deverá ser colocada uma tubagem que ligue o palheiro ao tanque para efluentes.

Num nível inferior será construída uma zona de compostagem. Esta deverá ter o fundo revestido com tela impermeável e um muro, não muito alto, que sustente o composto (este deve ter 1,5m de altura por 1,5m de largura).

As camadas têm que ser dispostas da seguinte forma:

1 - Camada de material vegetal seco, com aproximadamente 20cm, com folhas, palhadas, troncos ou galhos triturados, para absorver o excesso de água e permitir a circulação de ar.

2 – Regar com o chorume, armazenado no tanque, a primeira camada.

3 – Segunda camada com restos de verduras, erva e esterco. Pode-se colocar até 5cm de altura de fezes de bovino.

4 – Nova camada de 20cm de material vegetal seco, regar com o chorume e colocar outra camada de esterco, e assim sucessivamente até que se atinja 1,5 metros.

O monte de composto deve ter a parte superior quase plana, mas com uma ligeira curvatura que impeça a acumulação de água da chuva. Este, poderá ser utilizado para adubar os campos. É também benéfico na luta contra parasitas, pois as larvas e os ovos destes, ficam destruídas neste processo.

() Médico Veterinário*

Direcção Regional de Pecuária